

Quando a manhã luminosa¹

Clarice Kowacs², Porto Alegre

Ambientado em um tempo futuro, onde o humano e o tecnológico se fundem, o conto traz complexos desdobramentos de questões próprias da condição humana, a relação com a finitude e os vínculos interpessoais.

Palavras-chaves: Tecnologia; Futurismo; Finitude; Envelhecimento

¹ Trabalho premiado pelo IPA in Culture Committee. Publicação original: Kowacs, C. (2021). Quando a manhã luminosa. In *The analyst as storyteller / El Analista como Narrador*, Edited by Cordelia Schmidt-Hellerau. London: IPA in Culture Committee.

² Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Clarice Kowacs

Kurt estava sentado sobre a cama translúcida e em forma de gôndola que Tata ganhara da família pelo seu aniversário de 125 anos. Abraçava os joelhos dobrados, e inclinava-se na direção dela, afundada na maciez das almofadas que mudavam de cor, à medida que as palavras eram ditas. Estavam verde-azuladas, o que não era um bom sinal.

“Tata, conta aquela história do pato de verdade? E a do menino que caçou as abelhas-drone? E o robot que não chorava? Conta!!!”. Ela adivinhava o tremular das luzes minúsculas dentro dele, e os dedinhos metálicos do tataraneto pareciam castanholas inquietas. Ele adorava histórias antigas. Queria saber dos pioneiros do espaço, de quando Marte era um planeta deserto e os híbridos existiam apenas nos livros. Agora, só no prédio onde ele morava com a mãe havia mais onze crianças feito ele.

“Pessoas e máquinas, que absurdo! No que vai dar essa mistura?”. Kurt ouvira uma vizinha dizer, mas ele não era um monstro, nem seus amigos. A vizinha, sim, era uma monstra: quase tão velha como a Tata e nunca tinha gostado de ninguém em toda sua vida. Tata dizia que isso tudo era bobagem, pois com o tempo todos viravam híbridos: partes do corpo eram substituídas, reforçadas, modificadas. Dentes, olhos, válvulas, articulações, ossos, tendões, muitos órgãos. Ela também dizia que a vizinha era uma jararaca, o que era um xingamento antigo que poucos tinham o privilégio de conhecer. Tratava-se de uma cobra, venenosa e traiçoeira, que não existia mais. Os dois tinham muitas piadas secretas, e chamar a vizinha de Jara era uma delas.

Kurt conhecia bem o rosto de Tata, um origami vivo, que modificava-se o tempo todo. Hoje as centenas de rugas que riscavam a face dela moviam-se menos, e ela parecia olhar para algo que ele não conseguia enxergar.

“Tudo bem, Tata?”, perguntou. E a resposta foi uma descarga elétrica: “E se eu morresse agora?”.

No interior dele migalhas de luz percorreram milhões de conexões, chocando-se umas contra as outras. “Mas Tata, você não precisa morrer agora! Ainda faltam 15 anos! E daqui a 15 anos pode ser que ...” “Você não recebeu mais tempo?”. O metal fremia sob o silicone tenro de seu rosto, e ele parecia humano em sua perplexidade e desamparo.

“Não pedi ainda”, disse ela, com uma voz de duzentos, trezentos anos. “Não sei se quero”.

“Mas, Tata...” as pequenas mãos abriram-se simultaneamente, dois leques mecânicos movidos por algo estranho dentro dele, que palavras grudadas umas às outras não conseguiam traduzir.

“Mas não foi ruim da última vez, você disse que não sentiu nada, lembra?” e as pausas entre as palavras eram cada vez maiores.

Para Tata o problema não era a dor; os reforços e substituições eram feitos sob coma induzido e reversível. De novo ela despertaria mais forte e ágil, e ganharia tempo. Um pouco mais de Kurt e o mundo que os envolvia.

Ela preenchia todos os requisitos para pleitear esse tempo: era lúcida, tinha familiares próximos, e disponibilizava-se a dar assistência remota a humanos que insistiam em aconselhar-se com humanos experientes. Mas algo a perturbava, sua cabeça era uma caixa de música rachada que tocava sempre a mesma melodia sem graça. Um céu nublado, sem esperança de pássaros ou chuva.

Súbito, um pensamento envolveu-a como um edredom negro e silencioso. Vislumbrou a paz de superfícies nevadas, planetas desertos, as areias vitrificadas de certas praias. Sereias sopravam em seus ouvidos, e sentia-se empurrada com suavidade, feito um barco, em direção à algum lugar.

Mergulhou as mãos encarquilhadas na cabeleira azul de Kurt e sussurrou “Não sei se quero viver mais, meu amor. Ainda estou pensando”.

O tataraneto paralisou-se: nas profundezas do seu corpo, circuitos complexos ativaram-se em *loops* malucos, que os algoritmos não sustentavam.

Tata pediu um beijo de boa noite, queria dormir. Ele roçou o rosto no dela e afastou-se, os passos lentos e regulares perdendo-se no corredor pontilhado por portas idênticas, atrás das quais outros humanos hipervelhos preparavam-se para dormir.

Tata estendeu-se na cama. O colchão moldou-se ao seu corpo ossudo, saudando-a com a voz que lembrava a de sua mãe, morta há quase um século. O rosto da mãe já se perdera no labirinto dos anos, mas havia sido uma boa ideia escolher uma voz semelhante à dela para o chatbot da cama nova. “Boa noite, Beatrix”, a cama disse amorosamente, e continuou:

“Percebo que você está ofegante. Sua temperatura é a habitual, mas sua pressão arterial está elevada. Seus batimentos cardíacos estão acelerados. Vamos entender o que está acontecendo? Relate devagar o que você está sentindo” disse.

“Não é nada, estou bem”, foi a resposta.

A cama-mãe continuou “Você parece estressada. Vejo que já tomou seus remédios, a gaveta acaba de me avisar. Posso ligar a tela? A segunda parte do documentário sobre baleias?”.

A voz fez uma breve pausa antes de tentar novamente. “Então, uma música?” Beatrix permanecia muda e sem mover-se. “Água, chá? Você parece levemente desidratada”. As almofadas, agora púrpura, haviam sinalizado o grau de umidade de sua pele.

Clarice Kowacs

Após um breve silêncio, a cama prosseguiu, emitindo sinais para a janela, e as persianas deslizaram.

“Quem sabe você quer ver a noite, Beatrix? A próxima estrela cadente aparecerá em sete minutos e doze segundos, vou levantar meu encosto para você”.

Na ausência de resposta, a cortina cerrou-se, a luz diminuiu e o quarto encheu-se de uma penumbra empoeirada e morna. A voz prosseguiu, inabalável: “Uma poesia? Ou devo acionar o socorro?”.

Beatrix só queria ficar quieta, mas sabia que em poucos minutos a cama pediria ajuda e medidas seriam tomadas. Não adiantava fingir que dormia: ela havia sido programada à perfeição, nada lhe escapava e comunicava-se velozmente com o entorno. Rendeu-se:

“Uma poesia, então”

A voz ressuscitada de sua mãe perguntou-lhe “Kaváfis?”.

“Sim”, pediu, “voz masculina, por favor, *Desejos*”. “Certo, Bea”. Algo em sua voz acionara a inclusão de seu apelido de criança na resposta.

Kaváfis materializou-se ao seu lado, calado, uma xícara na mão, seu holograma bruxuleando no acanhado café da velha Alexandria. Uma voz grave, recitou lindamente:

Belos corpos de mortos que nunca envelheceram,
com lágrimas sepultos em mausoléus brilhantes,
jasmim nos pés, cabeça circundada de rosas
assim são os desejos que um dia feneceram
sem chegar a cumprir-se, sem conhecerem antes
o prazer de uma noite ou a manhã luminosa.

(Kaváfis, ©1982)

Ela pensou que seu corpo esquecera quase tudo: paixões, dores, desespero, medo. Momentos em que fora muito feliz. Mal lembrava-se do que vivera, uma década sucedendo outra, todas misturadas no moedor implacável do tempo. Esquecera seus pais, o formato das mãos deles, esquecera do riso da filha já centenária, que há muito não via. Netos e bisnetos, muitos deles mortos, alguns vivendo longe, quase desconhecidos. Pessoas que amara, amigos, trabalhos, viagens, tudo transformado em puro vazio, onde somente uma ou outra gota orvalhada ainda brilhava. Kurt.

Suspirou novamente.

“O que eu desejo?”, perguntou-se, sem mover os lábios. “Qual meu desejo

não satisfeito, o que falta para eu dizer que minha vida foi plena?”. Uma única palavra respondia tudo.

Beatriz estremeceu, e logo ouviu “Posso ajudar?”. Então pediu à cama que solicitasse um cachorro, dos pequenos. Os cães podiam ser ativados a qualquer momento do dia ou em situações excepcionais.

Beatriz recostou-se nas almofadas brancas, que a envolveram em uma sequência de microjatos de perfume. Cerejas maduras. Lírios do campo. Eucaliptos depois da chuva. Cabelos de bebê.

Ouviu o ruído de patas no corredor, o arranhar na porta que se abria devagar. Acomodou o cãozinho no colo murcho. O coração mecânico pareceu com o seu, e ao som dos batimentos de ambos, ela fechou os olhos. □

Abstract

When the bright morning

Set in a future time, where the human and the technological merge, the tale brings complex unfoldings of issues specific to the human condition, the relationship with finitude and interpersonal bonds.

Keywords: Technology; Futurism; Finitude; Aging

Resumen

Cuando la mañana brillante

Ambientado en un tiempo futuro, donde lo humano y lo tecnológico se fusionan, el relato trae complejos desdoblamientos de cuestiones propias de la condición humana, la relación con la finitud y los lazos interpersonales.

Palabras clave: Tecnología; Futurismo; Finitud; Envejecimiento

Referências

Kaváfis. K. (1982). Desejos. In *Poemas*. (Trad. José Paulo Paes). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Clarice Kowacs

Recebido em 25/11/2021

Aceito em 12/01/2022

Clarice Kowacs

Rua Pe. Chagas, 147/803

90570-080 – Porto Alegre, RS – Brasil

clarikowa@gmail.com

© *International Psychoanalytical Association*

Versão autorizada para Revista de Psicanálise da SPPA